

**VÁRIA**



Madeira, Beach of Funchal



H. P. 114 - Madeira, Funchal (praia), Engenho



Madeira, Funchal, Rua de Ferro



# ANUÁRIO

N.º 5 • 2013

CRÓNICA DE VIAGEM  
MADEIRA VERDE E BEM FLORIDA

EDIVALDO M. BOAVENTURA

Prof Emérito da Ufba



ANUÁRIO 2013

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

ISSN: 1647-3949, FUNCHAL, MADEIRA (2013)

PP. 383 - 390

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

## CRÓNICA DE VIAGEM

## MADEIRA VERDE E BEM FLORIDA

EDIVALDO M. BOAVENTURA

Prof Emérito da Ufba

**N**a contínua busca de Portugal, escolhi o refúgio verde da ilha da Madeira. Impedido de fazer a rota do vinho do Porto, fugi do inverno e com Manuel Pita, madeirense de Ponta do Sol, tracei o roteiro, com recomendação expressa que deveria experimentar, pelo menos, peixe espada preta, atum e espetada com bolo de caco, que é carne grelhada na brasa em espetos de madeira de loureiro.

Chegando a Lisboa, mudei imediatamente de aeronave e hora e meia depois descia na verde e florida ilha. Logo no primeiro jantar, optei pelo espada preta, peixe de profundidade, harmonizado com um Quinta do Côtto, ficou excelente. Concluído o jantar, indaguei pelo famoso bolo de mel, típico da ilha, responderam-me que não era apropriado para sobremesa, deveria encontrá-lo depois, comercializado com o vinho. O bolo de mel era o único comestível madeirense que conhecia, guardado na memória, queria prová-lo na lógica experimental da visita. Docerias, comidas, restaurantes, hotéis e atrativos naturais e culturais compõem uma viagem.

Perguntei ainda ao guia onde se encontrava o hospital construído pela segunda imperatriz brasileira, Dona Amélia de Leuchtenberg, em memória da sua única filha, princesa flor, Dona Maria Amélia, de

nada sabia. Deve-se viajar sempre munido de informações precisas para ajudar ou corrigir os guias.

Iniciei o roteiro pelos verdes jardins, campos e áreas preservadas, depois entrei pelo centro de Funchal, seus museus, vinhos, bordados e flores e mais flores.

**Uma fatura de verde**

O roteiro se iniciou pelo Jardim Botânico, riquíssimo em espécies tropicais. Assim completei a visita com a fatura de verde do Jardim Tropical Monte Palace, antiga Quinta do Prazer, adquirida pelo empresário José Manoel Rodrigues Berardo e transformada em Monte Palace Hotel. Identifiquei as famosas cicas e próteas da família das proteáceas da África do Sul. Impressionei-me pelos dragoeiros, arbusto da família das liliáceas. Fixei-me no dragoeiro (*Dracaena drago*), tronco volumoso com um tufo de folhas na ponta parecendo uma vassoura. No Brasil, tem uma denominação pesada: Pata de elefante!

Uma estagiária de biologia apontou-me o sítio das plantas originárias da ilha: feto, til, loureiro, barbusano, viático e cedro. É a flora endêmica da Madeira (JARDIM e DAVID, 2000) São plantas características da mata Laurissilva Madeirense – conjunto



de espécies raras responsáveis pelo micro clima caracterizado com água em abundância - e que compreende além da Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde. É a área da Macaronésia, quer dizer, das ilhas afortunadas ou bem aventuradas, segundo explicação que obtive posteriormente de José Esteves Pereira, vice-reitor da Universidade Nova de Lisboa. O arquipélago compõe-se das ilhas da Madeira, Porto Santo e das desabitadas Desertas e Selvagens. A Madeira tem mais de dois terços do seu território de área protegida

Nos jardins encontrei em abundância orquídeas, primaveras, hidrângeas, açucenas e magnólias que desabrocham quase todo o ano. No jardim tropical, o túnel das orquídeas é emocionante. Nos lagos artificiais, a grande atração é o peixe chinês, *Koi*, colorido de rosa, vermelho, branco com rajadas pretas e vermelhas, que desfila na água com invulgar *do-naire*. O Jardim Tropical Monte Palace se enriquece com painéis de azulejos do XV ao XX. Um mural com 166 quadros de terra-cota se intitula “A aventura dos portugueses no Japão”. A presença lusa deixou cerca de duzentos vocábulos portugueses na língua nipônica e testemunhou a fé cristã no martírio de Nakasaki. O conjunto de azulejos conta a história de Portugal. As alamedas expõem brasões, cantarias, portadas, esculturas. Cumpre sublinhar que na Madeira deparei-me com o vaso de cerâmica mais alto do mundo, classificado no *Guinness Book*.

Encontrei, depois, a brasileiríssima pitangueira e aprendi o seu imponente nome científico *Eugenia uniflora*. Magnífico! Certifico-me, no Caldas Aulete, e deparei-me com outro nome *Eugenia Michelli* e uma bela frase de Xavier Marques: “claridade amarela do sol que adormece nas pitangueiras do cemitério”. E o jasmim, *Apocynaceae Plumeria Rubra*, que encontrei abundante na Indonésia, parece ser mexicano, chamam-no árvore dos dentes em Portugal.

### Visita ao mercado, coração popular da ilha

Depois dos jardins, as compras mereceram atenção. Comecei por uma loja de bordados, seguida dos vinhos e das porcelanas. Os notórios bordados da ilha da Madeira são mais para serem vistos e admirados, do que para serem adquiridos. Era intenção de Solange, minha mulher, adquirir uma toalha bordada

da ilha da Madeira. Qual é a dona de casa brasileira, sobretudo baiana, que não sonha com uma mesa forrada com renda da Madeira? Na impossibilidade da compra da toalha, contentamo-nos com um alvo serviço bordado de mesa de oito lugares.

Enquanto deambulava pude notar que o Mercado dos Lavradores é rico em peixes, vimes, frutas e flores. Em grande cópia, os famosos peixes espadas pretas alongavam-se nos balcões, negros por fora e alvíssimas por dentro. Das frutas, descubro a anona, semelhante à nossa fruta do conde, e os tomates ingleses. E das flores, as orquídeas, vendidas em quantidades. E a estrelízia apontava por toda parte, nas vendedoras de flores, nos jardins e no aeroporto. Parece ser a flor oficial da ilha. Como natural de Feira de Santana, a visita a um mercado é insubstituível. Em mercados e feiras, sentimos o coração popular do país.

### A Casa-Museu Frederico de Freitas

Mas a maior sensação do primeiro dia foi a Casa-Museu Frederico de Freitas, na Calçada Santa Clara, nº 7, visita recomendada por Sílvia Ataíde, diretora do Museu de Arte da Bahia. A coleção de azulejos é das melhores que existe e que conheço, da Pérsia ao Egito, de Portugal à Espanha. Curioso conjunto de canecas – “continentes para se colocar conteúdos líquidos” - que diferencia da outra parte da casa rica em mobílias, quadros, tapetes e porcelanas, como são apresentados nos museus portugueses. O ceramólogo Santos Simões, grande conhecedor de azulejos, assessorou o proprietário que legou toda aquela coleção à cidade. Como museu novo, não constava dos guias. Nesse sentido, a indicação prévia de Sílvia foi importantíssima.

### Primeiro encontro com o vinho da Madeira

As visitas só são completas quando integram cultura e natureza, incluindo museus e gastronomias. Sem esquecer as orquestras, evidentemente. Concluí o primeiro dia em o restaurante Tapassol. Apliquei na mesa a teoria do vinho da Madeira recém revisitada: para entrada *sercial* e *verdelho*, secos e servidos como aperitivos; no final, *malvasia* e *bual*, doces, adamados e licorosos, na sobremesa. Para fazer companhia ao pranto principal, elegi o alentejano Dom

Hermano.

Uma vez na ilha, fui absorvendo o precioso líquido pelo conhecimento e pela boca. E a lenda e o folclore valorizam o vinho da Madeira. Ouvi a história trágica da condenação à morte do duque de Clarence, que escolheu ser afogado em uma pipa do seu madeira preferido. Que horror! A seguinte história é mais amena. Em compensada alegria, a independência dos Estados Unidos foi saudada com o vinho da Madeira. Formidável!

### Um sentimento profundo de insularidade

Envolvidos nesse clima dos vinhos adamados, bordados trabalhosos e de flores esplêndidas, ansiava pela visita aos museus da Quinta da Cruz, do Vinho e de Arte Sacra, prelibava ver a pintura flamenga e o Hospital da Princesa Flor Dona Maria Amélia, curiosidade romântica da minha estada em Funchal.

Antes, a ecológica volta pelo perímetro do lusitano ilhéu. Penetrei na Madeira das matas, dos repuxos caprichosos e de levadas de água, de montanhas altas, verdes e graníticas. O itinerário partia de Funchal até Porto Moniz, do outro lado dessa cidade. É preciso sempre ver o avesso, o dialético outro lado das terras, das coisas e das ideias. Ora por outra, uma plantação de bananeiras ou de parreiras em canteiros altos de pedra. Quiçá nos mesmos lugares onde outrora cultivavam a cana de açúcar.

Sempre margeando a costa e sentindo o carro andar quase ao lado do mar, na direção Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponto do Sol, terra do Manuel Pita, vergamos à direita na rota de Bica de Cana, enfim, atingimos a cumeada

Prosseguindo na rota, alcancei uma região plana e alta onde pastoreavam carneiros. Era o Paúl da Serra. Contemplei o ápice e me detive, na altura que parecia ser o centro do terra. Comecei então a descer em direção ao mar, onde se localiza Porto Moniz, no outro lado da ilha, onde almocei no restaurante da Residencial Orca.

Regressei pela solitária costa norte e me esforcei para ver alguma das ilhas Desertas e Selvagens. Nada, só mar... A grande e infinita linha do horizonte conduziu-me à procura de algum ponto, ilha, referência. Nada. Imaginei que a ilha de Porto Santo fi-

casasse naquela direção. Dizem que o contraste entre as duas ilhas é marcante que nem parece estarmos no mesmo arquipélago: “O que na Madeira é verde, em Porto Santo tem a cor amarelenta da terra; em lugar de umidade, secura; em vez de uma terra torturada, talhada de vales profundos não mais praias de calhaus, antes o areal imenso”, assim José Manuel Fernandes aponta a diferença. (*apud* ABREU e FIGUEIREDO, 1993, p.85)

O regresso foi sublime de verde, mar e solidão. Voltamos pela costa norte, passando por Ribeira da Janela, Seixal, São Vicente. Pontos brancos encimados de telhas enfeitavam a costa selvagem e íngreme. A estrada é apenas um fio condutor cavado no pedrapor onde passa o carro.

Embaixo o mar, do lado, a falésia cortante que desce abrupta, cinza e verde, que deixa escapar por entre as fendas das pedras os jatos de água desprendidos das alturas que molham e resvalam nos carros.

Nas paradas, os mirantes possibilitam ver o mar inquietante indo de encontro com as pedras. Sentimos o inalcançável das alturas plenas de árvores e de nascentes aproveitáveis para as levadas de águas às diversas culturas. É na Madeira, “sobretudo na beleza selvagem e vertiginosa da costa norte, o sentimento mais fundo da insularidade”, acresce Vicente Jorge Silva (1993, p. 9), Sinto que a solidão é uma companheira tranquila e silenciosa.

Para volver, entrei por São Vicente. Como um corte, adentrei-me pelo alto do maciço que me conduziu a Encumeada. Postado em um campo de urzes, divisei o mar bem ao longe nos dois lados, em frente, altíssimas montanhas bem cortadas que pareciam mais os Andes.

Desci e alcancei de novo Ribeira Brava, que nos devolveu a Funchal pela auto-estrada rápida e nova. Cheguei em tempo ao Hotel Girassol para participar de um Madeira d’honra. Conheci a sua diretora, Guida Vieira da Silva, simpática e comunicativa, respondeu às muitas das minhas indagações, especialmente, quanto à localização do Hospital Princesa Dona Maria Amélia, que não é mais hospital, mas, sim, um hospício de idosos.

Quando se viaja, é útil e até mesmo necessário o encontro com naturais da terra para bem informar, precisando lugares, endereços e detalhes. Fazemos

uma ideia do que seja importante pelas leituras, relatos e guias, que não dispensam os informantes autóctones.

### **A marca dos visitantes**

As personalidades notórias tornam os lugares mais conhecidos e biograficamente referenciados. Um bom exemplo foi a passagem de Cristóvão Colombo por Porto Santo, como genro do primeiro capitão donatário, Bartolomeu Perestelo. Outro viajante notável foi Lord Byron associa-se a Sintra, como lord Wellington ficou-se na Quinta das Lágrimas, em Coimbra, quando das campanhas napoleônicas. A Imperatriz Sissi (Elizabeth Amalie Eugenie, 1837-1898) da Áustria, que o cinema tanto popularizou, com Romy Schneider no papel título, esteve por duas vezes na Madeira, de 1860 a 1861, e de 1893 a 1894. Em sua homenagem, a lembrança materializou-se em estátua. Mas Sissi não foi a única Habsburgo a conhecer a ilha, um outro membro da família a visitou depois.

Encontrei em Cabo Girão, na volta à ilha, um núcleo museológico, subordinado ao tema do turismo de outros tempos com fotografias de desembarques de navios e hidroaviões. Madeira foi lugar recomendado para cura desde o século XVI, considerado um sanatório natural, tendo sido descoberta por João Gonçalves Zarco, em 1419. Nas fotos de visitantes conhecidos, identifiquei D. Amélia de Orleans e Bragança, rainha de Portugal, o poeta Antônio Nobre, o príncipe Amédée de Broglie, o escritor George Bernard Shaw, o primeiro ministro britânico Sir Winston Churchill. A mais duradoura e definitiva visita foi a de Carlos I, imperador da Áustria.

### **O Imperador Carlos I da Áustria**

A Igreja do Monte preside uma fabulosa vista sobre todo Funchal. É nesse templo que se sepultou Carlos I (1887-1922), o último imperador da Áustria, que é o mesmo Carlos IV, da Hungria, reinou de 1916 a 1918, assumindo o trono quase no final da guerra, quando se pronunciou a favor do retorno da Alsácia à França. Terminada a guerra, abdicou e se exilou, primeiramente, na Suíça, depois com a vitória dos monarquistas húngaros tentou voltar ao trono sem sucesso. Enfim, exilado, na Madeira, faleceu de

pneumonia, em 1922. Sem recursos, teve que fazer desmedidos esforços em pleno inverno, morando de empréstimo em uma quinta de Luís Rocha Machado, avô do historiador José Maria Amador, meu informante

Defronte do seu túmulo, fixei-me na campa do imperador coberta com bandeira amarela, em uma capela lateral da igreja, fechada com grade e encimada com brasão, ao lado uma inscrição gótica em latim. A sua viúva, imperatriz Zita de Bourbon e Parma, só veio a falecer em 1989, sendo enterrada na Áustria com pompa como mostrou a televisão.

Em face de um término tão melancólico, pensei no esplendor do império austríaco, a maior concentração de nações no centro europeu, governada pela dinastia dos Habsburgo, que aos poucos e pela estratégia dos casamentos foram reunindo condados e nações. E dessa maneira formaram um grande império, com belos palácios, valsas, músicas, políticas, sobretudo com o expressivo poder do Príncipe de Metternich.

Encontrava-me, assim, diante do túmulo do principal personagem do capítulo final do império austríaco. Realmente, a guerra de 1914 – 1918 foi a queda dos impérios.

### **Em memória da Princesa Flor**

Dentre todos os endereços, interessava-me conhecer o hospício construído em memória da princesa brasileira, Dona Maria Amélia, filha única da segunda imperatriz brasileira, Dona Amélia de Leuchtenberg, com Dom Pedro I, do Brasil, e Pedro IV, de Portugal. A bela e infortunada princesa, noiva do príncipe Maximiliano de Habsburgo, faleceu de tuberculose aos vinte e um anos, na esperançosa ilha, em 4 de fevereiro de 1853. A imperatriz Dona Amélia, sua mãe, fez construir o hospital para “tratamento de doentes pobres com moléstia de peito”. Os primeiros doentes deram entrada em 4 de fevereiro de 1862. Com a minha mania de ler e anotar placas, a inscrição informa:

Hospício da Princesa D. Maria Amélia, filha de D. Pedro 1º Imperador do Brasil e Rei de Portugal 4º do mesmo nome, duque de Bragança e de D. Amélia Imperatriz do Brasil e duquesa de Bragança. Chegou a esta ilha a 30 de agosto de 1852. Faleceu a 4 de fe-

vereiro de 1853, tendo de idade 21 anos, dois meses e três dias.

A informante nada sabia da imperatriz, nem tampouco da reconquista do trono português pelo primeiro imperador do Brasil e rei de Portugal, singular soberano que possuiu dois filhos governando duas nações separadas pelo Atlântico. A imperatriz veio ao Brasil com a filha de Dom Pedro I, que seria depois Dona Maria II, de Portugal. Conta-se que logo depois da cerimônia nupcial, ela começou uma série de mudanças no Palácio da Boa Vista, pondo-lhe ordem. No Brasil, tornou-se amiga de José Bonifácio, de regresso do exílio. Com a renúncia do imperador, regressou à Europa e lutou para arranjar recursos financeiros para a reconquista de Portugal. Ficou viúva aos 22 anos com uma única filha.

A visita tinha para mim essa aproximação histórica. Assim, complementava o capítulo final do fuzilamento de Maximiliano do México, que ao morrer retirou romanticamente a medalha do pescoço e a enviou à mãe de sua noiva brasileira, que vivia no Palácio das Janelas Verdes, em Lisboa. Conta-nos Moema Parente Augel (1982 p. 36): “O último bem que Maximiliano ainda guardava consigo era uma pequena medalha, presente de Eugênia, imperatriz dos franceses, recebida poucos meses antes, para trazer-lhe sorte. Tirando-a do peito, Maximiliano a destina à imperatriz do Brasil, Amélia de Leuchtenberg, mãe da noiva falecida tantos anos atrás”.

A sala em homenagem à princesa flor é ornada com os belíssimos retrato dessa infanta brasileira e de sua mãe, bem assim, com fotos do rei Gustavo da Suécia e da rainha Sílvia que a visitaram recentemente. O monarca sueco descende de uma irmã da nossa segunda imperatriz, a rainha Josefina, sua herdeira universal (TORRES, 1947, 260). O Hospício, que é hoje uma casa para idosos, encontra-se bem cuidado e melhor ajardinado, com um enorme dragoeiro à entrada. Princesa flor é o sugestivo título do livro de Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança

### **Museus da Quinta das Cruzes e do Vinho**

Enfim chegou o dia dos museus. Estava ansioso para ver a pintura flamenga. Pelo tempo que dispunha, tinha que conhecê-los em cascata.

Logo abaixo da igreja do Monte, pode-se tomar

os “carrinhos do Monte”, de vime, que deslizam nas íngremes ladeiras, empurrados por dois carreiros, como se fossem tobogã. No sopé da igreja, encontra-se o Jardim Tropical Monte Palace. Prosseguimos direto para a Quinta das Cruzes, museu e parque arqueológico, histórica mansão que remonta aos primórdios da colonização e parece ter sido morada dos primeiros capitães donatários e seus sucessores. A arcada da fachada principal é de pedra vermelha da região com espaço alpendrado. Amplo jardim com plantas classificadas detém pedras de armas, lápides comemorativas e janelas manuelinas. Exemplar casa com móveis, cerâmicas e enormes caixas de açúcar de madeiras, que chamamos baús.

Quanto ao Museu do Vinho da Madeira, procedemos a uma visita didático quase técnica. Pertencente ao Instituto do Vinho, possibilitou ver o processo de fabricação com exposição de objetos, instrumentos, lugar com quadros ilustrativos.

Depois de ligeiro lanche, passamos pelo Largo do Colégio, na bem harmônica Praça do Município, com Câmara Municipal e igreja dos jesuítas, com idêntica caixa interior mas sem a imponência e a opulência colonial da Catedral Basílica de Salvador da Bahia: *Prima Sede in Brasilia*. Aliás, a Igreja de São Roque de Lisboa, a Catedral Basílica de Salvador da Bahia e essa Igreja do Largo do Município possuem o mesmo risco, identificado ao longe. Estávamos no coração da Funchal antiga.

### **Um ninho de vermelhos e dourados, de santos e anjos**

Para culminar a visita, entramos no Museu de Arte Sacra com belas imagens e a extraordinária coleção de pintura flamenga dos séculos XV e XVI, trazida de igrejas demolidas e que se encontram restauradas e bem expostas.

De onde vem tanta pintura flamenga?

Da antiga rota do açúcar. Os portugueses plantaram com sucesso a cana de açúcar na Madeira e depois a transplantaram para Pernambuco e Nordeste brasileiro. O açúcar nordestino mudou o eixo da rota comercial. Na Madeira, a cultura da cana sacarina começou por volta do século XV e estabeleceu-se o comércio entre Portugal e os Países Baixos.



Além do valor artístico intrínseco, os painéis flamengos distinguem-se pelas suas grandes dimensões, por exemplo, o Tríptico da Encarnação mede: 282 x155 cm (largura dos volantes: 72 cm). Entre as várias tábuas flamengas, salientam-se: São Tiago Menor, Descida da Cruz (tríptico), Santa Madalena. Causa-me surpresa encontrar uma coleção de consumado valor e em quantidade. Para o bispo de Funchal, Dom Teodoro de Faria, “A pintura flamenga existente no Museu apresenta principalmente temas do ciclo natalício, da paixão e dos santos, não se encontrando pintura sobre a Ressurreição e a Páscoa. Não se compreende que este tema central da fé católica fosse descurado, deveria ter desaparecido devido à usina do tempo, incúria e roubo”. Na introdução do *Arte flamenga* (s.d.), Luiza Clode diz que: “Não se conhecem documentos que possam provar as encomendas assim como a referência a este ou àquele pintor. Apenas em comparação de obras e escolas nos baseamos quando se atribuem alguns painéis do Museu de Arte Sacra a Dieric Bouts, Gérard David, Joos Van Cleve, Provoost, Pieter Coecke Van Aelst, Jan Gossart, dito o Mabuse e Marinus van Reymerswaelle, ou aos anônimos Mestre do Santo Sangue e Mestre do Tríptico Morrison”.

As relações comerciais eram estabelecidas diretamente entre Funchal e Flandres, no século XV. Em matéria de coleção de pintura, os flamengos da Madeira formam um belíssimo conjunto: pagam visita. Saí do museu estupefato. Só encontrei semelhante pintura flamenga nos grandes museus de Paris, Londres, New York e Madrid. No meio de uma ilha verdejante, um ninho de vermelhos e dourados de santos e anjos. Um olhar noturno, no centro de Funchal, a cidade estava toda iluminada, anunciava a cerimônia cotidiana da noite. Era a minha última noite em Madeira.

### Espetada com bolo de caco

O jantar de despedida aconteceu no restaurante *A Seta*, cujo prato principal foi espetada com bolo de caco ao som de um bom fado com danças madeirenses.

Na manhã da partida, visita às Adegas de São Francisco, no antigo convento, velhas e confortáveis instalações da Madeira Wine Company: *The Old Blan-*

*dy Wine Lodge*. É um museu com todas as parafernália de fabricação e venda. Passagem pela Frasqueira, loja onde se vende vinho, e parada no Bar de Provas e Vendas das famosas marcas Blandy, Leacock, Cossart Gordon e Miles. Para cada marca uma história. Por que resistir às comprinhas? Bastam duas garrafinhas, um sercial e um malvasia. Atenção: encontrei o bolo de mel na loja dos vinhos. Preveniram-me que não o cortasse com faca de metal. Jamais. Deve ser partido com as mãos. Foi o que fiz, seguindo as recomendações.

### O vinho da Madeira

A história da luxuriante ilha compõe-se do precioso líquido. As vinhas floresceram no solo vulcânico, rico em ferro, minerais e matérias orgânicas. É o produto mais emblemático da ilha.

Um pouco de história já com saudade da visita, pois o primeiro impulso comercial do vinho da Madeira aconteceu em 1665 quando Carlos II, da Inglaterra, casado com a princesa portuguesa, Catarina de Bragança, decretou que todos os bens embarcados para as colônias americanas tinham que partir da Grã Bretanha. Mas o rei excluiu Madeira, o que lhe conferiu o monopólio em uma área de procura dos seus vinhos. Isso explica o papel do vinho da Madeira no estilo da vida americana, sendo usado como brinde na Declaração da Independência e na posse de George Washington, que dizem, bebia diariamente um copo no jantar.

As castas mais conhecidas são: 1) *malvasia*, primeira espécie introduzida na ilha, originária de Creta, o nome indica um vinho rico, suave e delicioso; 2) *bual*, trazido provavelmente pelos jesuítas, no século XVII, produz um vinho meio-doce, equilibrado no aroma, refinado e atrativo na apresentação; 3) *verdelho*, meio-seco; 4) *sercial*, mais leve, mais seco e vigoroso. A uva tinta negra mole é a casta prolífera na ilha. O *sercial* e o *verdelho* são servidos, normalmente, como aperitivos, enquanto o *bual* e a *malvasia* são clássicos vinhos de sobremesa. Vicente Jorge Silva (1993: 63) resume nos dois a ilha e o seu vinho:

*O aroma e o sabor do vinho da ilha evoca o sol,*

*A terra e o mar que lhe deram vida.*

*Quem tentasse reproduzir o sabor particular do vinho,*



*Teria de reproduzir uma ilha inteira...*

Não realizei a rota do vinho da Madeira, pelos seus campos experimentais e pelas companhias vinícolas, mas guardei o mapa fornecido pelas Adeegas de São Francisco, da Madeira Wine Company, casa inglesa bem montada, com provas e vendas e um requintado “the old brandy wine lodge”. Tanto o Madeira, como o Porto, marcam a presença empresarial britânica. Grã-Bretanha e Portugal formam a aliança mais antiga e secular na Europa.

Faltou a rota dos vinhos. Faltaram a visita ao Rabçal, aos picos do Areeiro e Ruivo, a Achada do Teixeira, a ponta de São Lourenço, as casas de Santana de madeira e colmo, sobretudo faltou Porto Santo. Deixei um lugar no coração para a volta desejada. Enfim, “preparo o registro destas horas felizes para todos aqueles que me amam”, nos ensina Goethe, em *Viagem à Itália* (1999).

[2000]

### Referências

- ABREU, Maurício; FIGUEIREDO, Vitor (eds.). *Madeira e Porto Santo*. Setúbal: 1993.
- EDICARTE. *Arte flamenga: Museu de Ate Sacra do Funchal*. Lisboa (s.d.). Introdução de Luiza Clode (c1982)
- GOETHE, J.M. *Viagem à Itália 1786-1788*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HABSBURGO, Maximiliano. *Bahia 1860: esboços de viagem*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1982.
- JARDIM, Roberto; DAVID, Francisco. *Flora endêmica da Madeira*. Funchal: Muhia, 2000.
- TORRES, Lygia Lemos. *Imperatriz Dona Amélia* São Paulo: (Rs. I.), 1947.

Revisto e redigitado, 26/91/2013.